

Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua¹

João Soares Pena²

Resumo: Este artigo aborda a trajetória do cinema em Salvador perpassando brevemente pelos três séculos nos quais o cinema se faz presente nesta cidade. Para elucidar a importância do cinema de rua em Salvador, o autor relaciona-o com a dinâmica existente na área onde se localiza. Assim, pode-se enxergar a relação existente entre o cinema e seu entorno tanto no período em que teve seu auge quanto na época em que começou a agonizar. Por fim, aborda-se o funcionamento de dois desses cinemas, os quais são pornô atualmente e funcionam também como espaços de práticas sexuais.

Palavras-chave: Cinema de rua; Cine pornô; Práticas sexuais.

Abstract: This paper approaches the trajectory of cinema in Salvador, passing by the three centuries that it has been present in this city. To explain the importance of movie theaters in Salvador, the author relates it with the dynamics where they are located. This way, It's possible to see the relationship between the cinema and the place where it is located, both in its peak moment and the time when it begun to decline. Finally, the author discuss about the only two street cinemas which are porn cinemas nowadays and also work as sexual practice places.

Key-words: Street cinema; Porn cinema; Sexual practices.

Introdução

Há muito tempo o cinema encanta a todos com suas estórias e imagens em movimento, com suas técnicas, efeitos, sonoridades etc. deixando os telespectadores tão maravilhados que os mesmos interagem como se fosse possível integrar o filme. Isso se disseminou pelas cidades, tonando-se um aspecto importante da vida urbana.

Em Salvador, os cinemas tiveram espaço espaço inicialmente onde se chama hoje de Centro Antigo, mas com o passar do tempo isso foi sendo pulverizado no tecido urbano. Em seguida, com o surgimento de *shopping centers*, na década de 1970, o cinema retrai-se e concentra-se principalmente nesses centros comerciais. Foi uma mudança importante na dinâmica da cidade de Salvador. Se antes grande parte do comércio e dos serviços, sobretudo os mais sofisticados, estavam nas ruas do Centro, os *shopping centers* trouxeram

¹ Artigo apresentado à disciplina Cinema, Cultura e Sociedade, ministrada pelo prof. Dr. Jorge Luis Bezerra Nóvoa no período 2011.1, como requisito de avaliação.

² Urbanista graduado pela UNEB; mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA.

a possibilidade de encerrá-los em uma só edificação, como acontece com os complexos de cinema com muitas salas existentes nesses centros de consumo.

É nesses espaços de consumo que estão atualmente os mais importantes cinemas da cidade. A localização é concentrada em poucas áreas, o que, segundo Almeida (2011), dificulta o acesso por quem mora em regiões distantes da cidade e/ou que não dispõe de muitos recursos, devido, entre outros fatores, ao precário sistema de transporte público, ao elevado custo de locomoção e de consumo mesmo do serviço. Isto se difere da época em que havia cines nos bairros, ou mesmo quando os diversos cinemas do Centro possibilitavam que a população soteropolitana desfrutasse da sétima arte com mais facilidade.

Trajetória dos cinemas de rua em Salvador

O surgimento do cinema data do ano de 1895, quando ocorreu a emblemática exibição de imagens em movimento em Paris sobre cenas urbanas desta mesma cidade. Isso foi possível graças à invenção do cinematógrafo, tarefa realizada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. Contudo, foi George Méliés quem deu ao cinema o caráter de divertimento, tornando-se uma atividade de lazer importante para as populações urbanas.

A primeira exibição de cinema no Brasil aconteceu em 08 de julho de 1896, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, aconteceu a primeira exibição na cidade de Salvador. Inicialmente, a exibição dos filmes acontecia em teatros, por não haver ainda locais especializados. Nessa época, os eventos que exigiam espaços amplos eram realizados no Teatro São João, localizado na Praça Castro Alves, e no Teatro Politeama Bahiano. Então, nos dias 04 e 05 de dezembro de 1897 o Teatro Politeama Bahiano abriu suas portas para a exibição pela primeira vez da sétima arte na capital baiana. Entretanto, apesar da satisfação dos espectadores que assistiram à exibição, este evento não teve muita reverberação, tanto que apenas o jornal Diário de Notícias comentou a respeito disso na segunda-feira:

Realizaram-se, no sábado passado no Polytheama Bahiano, as primeiras exibições públicas destes dois aparelhos de invenção de Edson, pelo senhor Dionísio Costa. Os espectadores mostraram-se satisfeitos com a audição de algumas peças melhor apanhadas e reproduzidas pelo graphophone, notadamente a cançonete Tyroleza. [...] Durante a quase total obscuridade em que torna-se preciso ficar a sala, para o funcionamento do cinematógrafo, os espectadores estiveram de bom humor, acompanhando de modo cadenciado, ora com as bengalas e chapéu de sol, ora com palmas, os trechos da música que executava a orquestra, dando assim um certo tom de Café Concerto ao espetáculo (LEAL E LEAL FILHO, p. 15).

Vale ressaltar que nessa época, os filmes ainda não tinham sonoridade, de modo que sempre havia acompanhamento musical. Deve-se destacar que no anúncio feito no Diário da Bahia era informado que haveria bondes para todos os destinos da cidade após o espetáculo, que começaria às 08:30 h. Essas primeiras exibições não tiveram muito sucesso, tendo Dionísio Costa realizado, com a ajuda de Feliciano da Ressurreição Batista, sessões de cinematógrafo entre 18 e 22 do mesmo mês de dezembro no salão de um prédio na Praça Castro Alves, o que chamaram de cinema Edson. A instalação de um cinematógrafo só ocorreu em 1898 no Teatro São João, tendo esta experiência recebido crítica positiva do jornal Correio de Notícias.

Apesar de haver exibições de cinematógrafo em alguns locais da cidade, “o cinema tinha rareado em Salvador, dado o pouco interesse despertado” (LEAL E LEAL FILHO, p. 19). Em abril 1907, com o controle da peste bubônica, a imprensa apoiou maciçamente a sétima arte na cidade: “Pelos informações dos jornais já se notava que o cinema chegou para ficar, havendo uma permuta entre os arrendatários das casas e os proprietários dos aparelhos que tinham formado empresas” (LEAL E LEAL FILHO, p. 22).

Começou a acontecer uma corrida cinematográfica entre o Teatro São João e o Politeama que buscaram usar a melhor tecnologia possível, contando com cantoras estrangeiras que animavam os intervalos entre os filmes.

Em 1920, de acordo com a Revista Artes e Artistas³, Salvador contava com 9 cinemas de rua: Politeama Baiano, Teatro São João, Guarani, Ideal Cinema, Recreio São Jerônimo, Cinema e Teatro Olimpia, Jandaia, Avenida e Itapagipe. Nota-se pela quantidade que o cinema era uma opção de lazer muito importante, considerando que nessa época Salvador tinha uma população de 283.422 habitantes. O número de cinemas caiu para 8 nos anos de 1930, sendo eles: Politeama, São Jerônimo, Olimpia, Guarani, Liceu, Itapagipe, Barbalho e Calçada, quando a população soteropolitana beirava os 300.000 habitantes.

“O cinema foi e é de fundamental importância para a sociedade, influenciando no imaginário, nos hábitos e costumes das pessoas” (PENA, BOUÇAS E NUNES, 2009, p. 874). Por volta dos anos 1930 os espectadores já estavam fascinados pela sétima arte, interagindo com os filmes como se fosse possível participar diretamente deles. Leal e Leal filho (1997) esclarecem que nessa época os adultos costumavam freqüentar as sessões noturnas, enquanto as matinês tinham presença dos adolescentes. Todos eram muito interessados pelo cinema, conheciam os filmes, os atores etc. e levavam esse assunto para seu cotidiano, de modo que suas vidas eram fortemente influenciadas pelos filmes e artistas.

[...] a imitação já tinha um número grande de adeptos e Theda Bara, artista vampiresca caracterizada por olhos enegrecidos, teve um número grande de seguidoras e era comum se ver nas ruas moças querendo imitá-la e que escureciam as pálpebras com a fuligem de rolas queimadas, por faltar outros recursos de maquiagem (LEAL E LEAL FILHO, 1997, p. 38).

Nessa área central da cidade havia também outros estabelecimentos que davam o tom de uma dinâmica noturna apimentada:

O Casino Antártica, nos fundos do Cinema Guarani, programava sempre 12 lindas jogadoras de Centre Gol. Convidavam informando: “Entrada franca aos que se apresentarem decentemente trajados. A única casa de diversão decente na Bahia”. Mas, o Diário da Bahia não o classificava assim: “é um antro de prostituição” (LEAL E LEAL FILHO, 1997, p. 39-40).

A noite era movimentada entre a Praça Castro Alves e O Terreiro de Jesus, pois, quem saía dos cinemas Glória e Guarani às 21:30 h dirigia-se quase sempre à Sorveteria Cubana, sendo ela uma espécie de complemento da diversão. A Rua Chile era um endereço muito importante onde havia um comércio de luxo e contava à noite com muitas lojas iluminadas, o que proporcionava divertidos passeios. “O comércio, os gabinetes médicos, os salões de beleza, outros “serviços” e também o simples *trottoir*

³ Segundo Leal e Leal Filho (1997), a Revista Artes e Artistas era especializada em cinema e a redação funcionava na Rua da Misericórdia.

elegante dos fins e tarde na Rua Chile atraem uma multidão de pessoas que se sucedem em um vaivém incessante” (SANTOS, 2008, p. 126).

Leal e Leal filho (1997) acrescentam que em 1935 existiam 4 cinemas elitizados: Guarani, Liceu, Glória e Excelsior. Outros tantos cinemas foram sendo construídos nos bairros da cidade. Esses exibiam os lançamentos inéditos, que só depois, eram exibidos nos outros cines. Nessa época, a primeira sessão iniciava às 14:00 h e a última às 22:00 h. Mais uma vez a importância do sistema de transporte, pois o último bonde partia dos terminais à 00:10 h e, posteriormente, havia condução em intervalos de uma hora.

Vale considerar que a trajetória econômica da Bahia conferiu a Salvador uma grande concentração de funções e recursos econômicos, funções essas de importância urbana e regional. Santos (2008) afirma que as funções concentradas no Centro de Salvador são: portuária, administrativa, comercial, bancária, industrial e artesanal. Tudo isso contribuía para a efervescência nessa área da cidade. Mas, era o comércio varejista o que mais interessa aqui. Segundo Santos (2008, p. 83), as concentrações desse tipo de comércio no centro da Cidade Alta “está ligado um número cada vez maior de cinemas, visto que os cinemas de bairros, mais recentes, oferecem número mais restrito de sessões”

O autor supracitado acrescenta que a área central polarizava 11 dos 23 cinemas soteropolitanos em 1956, dispondo de 12.074 assentos, enquanto nos demais bairros havia apenas 7.517 lugares. Para elucidar a relação entre a concentração de cinemas e o comércio varejista, Santos afirma:

A relação entre a distribuição dos cinemas e a função comercial varejista se constata pela localização e a categoria das salas de espetáculo. Na praça da Sé, rua Chile, praça Castro Alves, os cinemas são confortáveis, com ar condicionado e preços elevados. Na Baixa dos Sapateiros, não oferecem conforto e são baratos. Na Cidade Baixa não há cinemas (SANTOS, 2008, p. 84).

Isso porque, explica Santos (2008), o comércio varejista de luxo concentrava-se nas ruas Chile, Misericórdia, Ajuda, Carlos Gomes e parte da Avenida Sete de Setembro e da Avenida Joana Angélica, ou seja nas áreas mais valorizadas da Cidade Alta. Já o comércio mais popular localizava-se na Baixa dos Sapateiros (Av. J.J. Seabra), que era uma via de tráfego do transporte coletivo em direção aos bairros mais populares.

A concentração de tantas atividades diversas no Centro lhe causou um dinamismo sem igual na cidade. Assim, a circulação de pessoas e veículos durante o dia era muito intensa. Nos fins de tarde, com o encerramento de algumas atividades comerciais e serviços, o Centro ficava animado, pois muitos se deslocavam entre a Praça da Sé e a Praça Castro Alves a fim de transporte coletivo: bonde ou ônibus. À noite, a movimentação tinha outras razões, quais fossem os cinemas, que funcionavam até meia-noite, ou atividades não tão aceitas durante o dia.

É o coração da cidade noturna, a praça 15 de novembro, pertinho da zona de prostituição, onde prostitutas, vagabundos, marginais de todas as espécies dão-se encontro em ruas mal iluminadas. [...] Os botequins se tornam movimentados. A polícia afrouxa a vigilância e as prostitutas (a quem é proibido fazer o *trottoir* durante o dia) podem sair e se exhibir na rua. Isso se passa na Cidade Alta (SANTOS, 2008, p. 130).

A segunda metade do século XX foi marcada pela decadência dos cinemas de rua. A cidade de Salvador começou a passar por importantes transformações espaciais. O Centro

começou a perder sua importância com a expansão urbana em direção ao vetor norte. “Instaura-se o crescimento do centro por fragmentação, com competição acirrada entre o centro novo, genericamente chamado de Iguatemi/Tancredo Neves, e o antigo centro de Salvador, a Cidade/Comércio” (INFOCULTURA, 2008, p. 31). Esse fato decorre do incentivo do poder público em se expandir a cidade e de redefinir a dinâmica urbana.

Na década de 60, segundo Oliveira (2003), a criação do Centro Industrial de Aratu (CIA), dentre outros fatores, contribuiu para que o crescimento físico da cidade fosse direcionado para o vetor norte. Nessa região, além do favorecimento da malha viária, a construção do Shopping Iguatemi Salvador, a implantação da Estação Rodoviária e o Centro Administrativo da Bahia (CAB) na Avenida Paralela foram empreendimentos que redirecionaram e redimensionaram os fluxos da cidade. Para o mesmo autor, o poder público favoreceu os setores econômicos e os grupos de rendas médias e altas para que se deslocassem para a nova área do Iguatemi, pois a mesma já estava com uma estrutura definida e caracterizada (PENA, BOUÇAS E NUNES, 2009, p. 880).

As consequências desse processo foram bastante sérias para o Centro Antigo, já que o subcentro Iguatemi roubou a cena e atraiu uma série de atividades e serviços que outrora funcionavam no Centro Antigo. A instalação de *shopping centers* na cidade também reverberou de modo negativo sobre a dinâmica da antiga centralidade e dos cinemas de rua existentes, sobretudo, nessa área. Nesse sentido, Pena, Bouças e Nunes (2009) esclarecem que as políticas de consolidação do novo subcentro, em detrimento do antigo, acabaram por provocar um esvaziamento paulatino neste último na segunda metade do século XX e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos cinemas de rua, os quais foram fechando suas portas aos poucos ou se transformando em cinemas pornôis. Muitas das edificações que abrigavam exposições da sétima arte tiveram alteradas suas funções, dando lugar a outras atividades, dentre as quais pode-se destacar a religiosa, devido à facilidade de adaptação. “O centro histórico entrou em decadência, as pessoas não mais freqüentavam o Centro Histórico para ir ao cinema e esses cinemas, porque eram grandes, a platéia era muito grande, se adaptaram bem a cultos evangélicos e foram comprados.” (SETARO *apud* PENA, BOUÇAS E NUNES, 2009, p. 881-882).

Alguns cinemas de rua tornaram-se especializados no gênero pornográfico, o que foi introduzido no país por volta dos fins dos anos 1970, sendo exibidos em algumas salas de cinema existentes. Mas, antes de tratar dos cines pornôis de Salvador, é preciso explicar rapidamente em que consiste o cinema pornográfico.

Para Vale (2000), a pornografia é a descrição do sexo, seria a exibição de corpos, ações, imagens etc. que aludem à prática sexual, já no erotismo há espaço para sentimento amoroso, para cumplicidade, apontando para a dificuldade em se definir um limite entre os dois conceitos.

Assim é a pornografia, um regime de representações sobre o sexo – escritos, filmes, fotos, vídeos – que mostram corpos (em geral nus) com alusão sexual ou pessoas envolvidas no ato sexual, de acordo com certas convenções que significam que eles são interpretados como pornográficos pela sociedade.

[...] A pornografia seria a descrição pura e simples dos prazeres carnis, enquanto o erotismo seria essa mesma descrição revalorizada em função do sentimento amoroso, logo, tudo que é erótico é pornográfico e vice-versa (VALE, 2000, p. 74).

Tendo a pornografia o objetivo de desvelar o que está escondido, o autor acrescenta que ela pretende uma mobilidade corporal do espectador a partir do que na vida cotidiana

não é exibido, ou seja, a explicitação do sexo no close *hard core*⁴ provoca no indivíduo sensações diversas, até a de “fazer parte” do ato exibido na tela.

A exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita “para a câmera” (logo, também para o público) [...] são o que confere ao filme pornográfico a evidência material da verdade, o “realismo” do esperma e dos ruídos e gemidos de prazer, daquilo que, apesar de estar no terreno do ficcional, da fantasia das imagens, está acontecendo “de verdade”. Numa sala de exibição pornô, essas imagens podem encontrar o realismo da plateia (VALE, 2000, p. 77-78).

Voltando a tratar das salas de cinema de Salvador, nessa época inicial de exibição do pornô, esses filmes representavam uma novidade e tiveram espaço, inicialmente, nos cinemas mais tradicionais, os do Centro Histórico (Figura 1). Entretanto, devido ao desinteresse do público e pela estigmatização decorrente disso, o gênero concentrou-se em cines específicos.

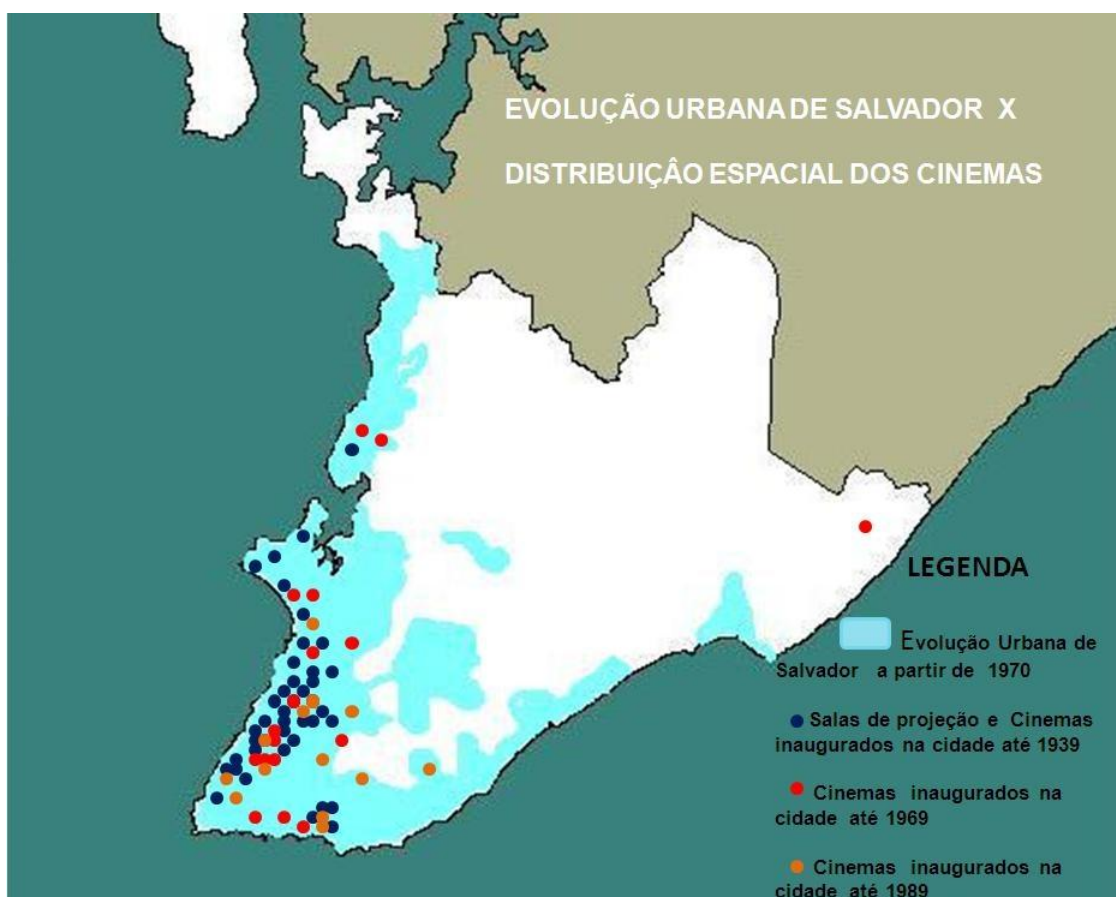


Figura 1: Evolução urbana e localização dos cinemas até 1989.
Fonte: Almeida (2011, p. 35).

De acordo com Leal e Leal Filho (1997), nos anos 1970 havia 5 cines pornôs em Salvador: Jandaia, Pax, Liceu, Tupy e Astor. Já nessa época há indícios de que esses cines possibilitavam encontros sexuais, fato que os caracteriza atualmente.

⁴ No âmbito da cinematografia pornográfica há os filmes *soft core* e os *hard core*. Os primeiros são filmes que insinuam o sexo por meio dos corpos, já os *hard core* são filmes que exibem o sexo explicitamente, cujo enquadramento é feito de modo a causar no espectador a sensação de “estar participando” do ato (ABREU, 1996).

José Augusto contou a história de um seu conhecido que foi dar uma olhada, para fazer horário, no cinema Liceu e foi convidado por um espectador dizendo-lhe "que fazia coisas melhores do que as apresentadas na tela". Não concordou com o convite, retirou-se e depois encontrou no bolso um cartão, com telefone para pensar melhor... onde se lia: Telefone-me (LEAL E LEAL FILHO, 1997, p. 46).

Atualmente, apenas 3 daqueles cinemas de rua estão em funcionamento: Tupy, Astor⁵ e Glauber Rocha, este último agora chamado Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha. Vale ressaltar que este cine esteve fechado por 10 anos, sendo recentemente reformado, tendo suas características arquitetônicas modificadas.⁶ Entretanto, o Glauber Rocha distingue-se dos outros dois cinemas de rua em funcionamento basicamente por dois motivos: configura-se como um cinema "híbrido", pois apesar de estar "na rua" possui ambiência semelhante aos cinemas de *shopping center*, inclusive com a existência de várias salas de projeção, e não é destinado ao gênero pornográfico e o consequente uso para práticas sexuais como as existentes no Tupy e no Astor.

O cine Tupy localiza-se na Av. J.J. Seabra, importante via da área do Centro Antigo, sobretudo porque, além do comércio e serviços existentes, conduz ao Terminal da Barroquinha. O cine Astor está localizado na Rua da Ajuda, próximo à Câmara Municipal de Vereadores, Elevador Lacerda e outros importantes equipamentos e serviços da cidade. Em relação à edificação, ambos conservam, mesmo que de maneira precária, as características dos cinemas de rua: grande plateia (como dito anteriormente), uma única sala de projeção, além do mobiliário antigo (Figura 2).⁷



Figura 2: Fachada do Cine Tupy (esquerda) e Cine Astor (direita).
Fonte: Pena, Bouças e Nunes (2009, p. 885).

⁵ O Escritório de Referência do Centro Antigo elaborou recentemente o Plano de Reabilitação do Centro Antigo de Salvador e indicam os atuais cinemas de rua do Centro (Astor, Liceu, Excelsior, Pax, Jandaia, Tupy) que funcionam ou estão fechados e degradados com uso potencial como cines teatros ou casas de show (BAHIA, 2009). Entretanto, desconsideraram no levantamento realizado o Cinema Tamoio, que atualmente encontra-se fechado.

⁶ Cf. Almeida, 2011.

⁷ Cf. Pena, Bouças e Nunes (2009).

Apesar de serem cinemas pornôis e exibirem filmes deste gênero, o que marca os dois cines em questão é o fato de serem lugares de encontros e práticas sexuais, como já foi apontado anteriormente. Então, enquanto os filmes são exibidos, muitos dos espectadores andam pelos corredores da sala escura, cuja única iluminação é a da própria tela. Alguns ficam em pé encostados em algum lugar, outros preferem sentar-se e assistir ao filme. Isto acontece de maneira geral tanto no Tupy quanto no Astor. A frequência é majoritariamente masculina, sendo que há transexuais, garotas de programa e michês que oferecem serviços sexuais nas salas. Esses profissionais andam pelo espaço abordando alguns dos presentes e exibindo seus corpos, pois geralmente estão minimamente vestidos e bastante insinuantes. Muitos, entretanto, estão em busca de parceiros sem maiores custos, por assim dizer. O fato é que há um número considerável de frequentadores cujas características são diversas: jovens, homens de meia idade, idosos, alguns bem vestidos, outros trajando vestes mais simples etc.

É comum a prática sexual na própria sala de projeção, nas poltronas, assim como nos banheiros existentes, sejam relações heterossexuais ou homossexuais. Isso é o que foi apontado por Pena, Bouças e Nunes (2009) como "sexo anônimo", ou seja, a possibilidade da prática sexual com desconhecidos em um ambiente muito pouco iluminado, o que pode conferir ao indivíduo certo grau de discrição. É claro que esse anonimato é relativo, ou seja, se a frequência acontece com bastante assiduidade é possível que ele seja reconhecido pelos outros que costumam ir ao local.

Esses cines estão localizados numa área onde há outros tantos lugares destinados a atividades que de algum modo estão ligadas a experiências e práticas sexuais, sejam saunas, boates, casa de show erótico (como a Palace Pigalle, na Rua Ruy Barbosa) ou trechos de ruas onde há prostituição. A identificação dessas atividades varia espacial e temporalmente. Entretanto, é possível notar que no caso dos locais fechados há uma especialização para determinado público: as saunas para o público homossexual masculino e as boates para o público homossexual, por exemplo. Mas é possível observar que nos cines pornôis, apesar da exibição de filmes pornográficos heterossexuais, há frequência e prática de sexo tanto hetero quanto homossexual. É o que Vale (2000, p. 91) notou também no cine Jangada, em Fortaleza, nos anos 1990: "na plateia, 'homos', 'heteros', 'bis' e 'travs' numa grande nebulosa de 'gêneros', onde tudo, ou quase tudo, podia acontecer."

Apesar de sua importância, já que são os dois últimos cinemas de rua, dentre os vários que existiam/existem no Centro de Salvador, que resistem e mantêm suas atividades enquanto tais e sua configuração original, muitos não sabem de sua existência, tampouco são mencionados ao se tratar do Centro de Salvador.

Conclusão

O cinema surgiu no fim do século XIX e em pouco tempo estava disponível no Brasil e, conseqüentemente, para a população de Salvador. Apesar de inicialmente não ter empregado tanto, com o passar do tempo tornou-se parte importante da dinâmica urbana e

cultural soteropolitana, sendo sua influência percebida nos costumes e cotidiano das pessoas.

Os cinemas localizavam-se, sobretudo, no Centro onde se concentravam os demais comércios, serviços e atividades econômicas e culturais importantes na cidade. Assim, essa área tinha uma dinâmica sem igual na cidade, pois a polarização de todas essas atividades atraía uma quantidade enorme de pessoas.

Enquanto o Centro tinha muita importância na conjuntura da cidade os cinemas de rua estavam bem. A partir do momento em que se optou por redirecionar a dinâmica de Salvador para determinadas áreas, em detrimento do Centro, este não consegue manter o que aí funcionava. Com isto, os cinemas de rua também perderam força na cena urbana e foram fechando suas portas ou optaram por um segmento que poderia lhes proporcionar mais longevidade, no caso dos cines pornôis.

Atualmente apenas dois desses cinemas de rua funcionam com as mesmas características físicas de outrora, são os cines pornôis Tupy e Astor, que se localizam no Centro e atendem a um público que não quer apenas ver filmes de sexo explícito, quer um lugar para encontrar parceiros para práticas sexuais e isso é o que acontece no interior de ambos. Com uma lógica diferente dos cinemas de rua de tempos atrás, pode-se dizer que a exibição de filmes nesses cinemas hoje é algo secundário frente ao interesse maior dos frequentadores.

Referências

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornôis**: A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ABREU, Nuno Cesar Pereira de. **Boca do lixo**: cinema e classes populares. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

ALMEIDA, Núbia Onara de. **Cinemas de Salvador**: deslocamento, segregação e exclusão. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia, 2011.

BAHIA. Escritório de Referência do Centro Antigo. **Catálogo Cinemas do Centro Antigo**. Coordenação: Beatriz Lima. Execução: Sete43 Arquitetura. 2009.

INFOCULTURA – **Centro Antigo de Salvador**: uma região em debate. V.1, n.2 (out. 2008). Salvador: Secretaria de Cultura do Estado, Fundação Pedro Calmon Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, 2008.

LEAL, Geraldo da Costa; LEAL FILHO, Luís. **Um Cinema Chamado Saudade**. Salvador: Gráfica Santa Helena. 1997.

PENA, João Soares.; BOUÇAS, Rose Laila de Jesus. ; NUNES, Eduardo José Fernandes. Cinemas de rua: um panorama sobre os cines pornôis no Centro Histórico de Salvador. In: IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 2009, Rio Claro. **Anais do IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Rio Claro**. Rio Claro: UNESP: AGETEO, 2009, p. 874-889.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**: Estudo de Geografia Urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Salvador: EDUFBA, 2008.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.